

# **Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos**

**Lodenir Becker Karnopp**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Bruna da Silva Branco**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**Juliana de Oliveira Pokorski**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/ UFRGS)

Este texto é produzido em um tempo de dores, mortes, fragilidades, problemas políticos, educacionais, econômicos... tempo de saudades, de ausências, de luto! Tempos em que uma pandemia nos deixou afastados, em isolamento social; entretanto, mais do que nunca, nos apresentou a importância do coletivo, do compartilhamento e da soma de forças, de conhecimentos, de afetos e escritas. É por isso que, ao receber o convite para produzir essa escrita sobre “Visualidade e literatura em diálogo: bases para uma educação bilíngue de surdos” optamos por fazê-la de maneira coletiva, orientadora e (ex)orientandas; e trazer para a escrita aquilo que temos vislumbrado em nossas pesquisas e grupos de orientação, sobre educação e cultura na esteira dos Estudos Culturais em Educação.

Essa escrita se constitui como um convite inicial para o leitor conhecer um pouco o que, enquanto grupo de pesquisa, temos produzido em nossas investigações de modo a colocar uma lupa sobre determinados contextos educacionais, pausando por instantes algumas cenas e movimentos sinalizados para poder neles fixar o olhar. Este convite não é somente para uma contemplação, mas para mobilizar a ação de pensarmos coletivamente a educação bilíngue de

surdos, que tem como alicerce a visualidade e o movimento das mãos e do corpo - a língua de sinais.

Partimos do pressuposto de que toda língua tem uma história que nunca poderá ser contada de modo completo! Os registros de uma língua evidenciam parcialmente seus usos, suas possibilidades, suas gramáticas! As línguas de sinais historicamente não eram reconhecidas como línguas de fato: eram negadas, proibidas, estigmatizadas (e ainda o são, em muitos contextos)! De modo semelhante, suas produções culturais, sua literatura, suas histórias não eram valorizadas, resultando em escassos registros por parte das comunidades surdas.

Paddy Ladd, no livro “Em busca da Surdidade” (2013), produz uma alegoria contando a história das comunidades surdas através de uma visita a um museu, em que compara as produções culturais surdas a quadros escondidos em salas com portas fechadas, ou a quadros que foram retirados das paredes, ficando ocultos e quase esquecidos. Em meio a esta narrativa alegórica, o autor questiona o que as comunidades surdas poderiam ter sido ou poderiam ter produzido se não lhes fosse negado o direito de existência, se não lhes fosse tolhida a língua, suas pedagogias, se não fossem eclipsadas as suas narrativas. Seu questionamento, no entanto, impulsiona a pensar o que poderiam dizer esses quadros se fossem colocados novamente nas paredes, com suas cores e formas à vista novamente.

Contar a história das línguas de sinais e trazer as histórias produzidas em comunidades surdas é uma tarefa que está longe de capturar completamente seus enunciados, suas variações, suas lutas, suas gramáticas, suas éticas e estéticas. De modo recorrente temos nos aproximado das línguas de sinais na tentativa de descrever seus usos e funcionamento, mas há uma vibração, um movimento que não pode ser registrado, pois há uma multiplicação babélica em cada uma das línguas de sinais e nas múltiplas histórias que essas línguas produzem – e em cada uma dessas multiplicações ocorrem os esquecimentos, as reivindicações, os equívocos, as

lutas, os massacres, as traições e traduções. Para este texto, escolhamos alguns recortes. Instantes de uma língua, sem a pretensão de esgotar o universo de possibilidades que as línguas de sinais apresentam e sem pretender dar conta de uma discussão das possibilidades de diálogo entre a visualidade e a literatura na educação bilíngue de surdos.

As línguas de sinais são usadas e se desenvolvem em comunidades surdas, atravessam tempos, espaços e superam apagamentos e proibições. Linguisticamente são completas, ricas, complexas! Seguem conectando pessoas, aproximando povos e possibilitando alívio e conforto linguístico aos surdos. Proporcionam aprendizagens e desenvolvimento social, educacional, linguístico! As línguas de sinais produzem cultura e ensinam modos de vida que ultrapassam fronteiras linguísticas: possibilitam a experiência de ser surdo na contemporaneidade (KARNOPP 2004).

As línguas de sinais apresentam movimentos históricos de resistência! As histórias contadas em Libras, pelos surdos, nos trazem cenas que indicam possibilidades de vida surda, nos contam histórias de diferentes modos, em narrativas variadas. As mãos literárias (MOURÃO, 2016) apontam caminhos e modos de habitar e resistir, denunciam opressões, compartilham saberes e “(...) buscam narrativas bilíngues e produções literárias para manifestação cultural de surdos, para o consumo e a circulação dessas produções.” (p. 64). Para Morgado (2011) a literatura surda transmite a herança cultural das gerações surdas e potencializam o status linguístico das línguas de sinais.

Exercer a cidadania surda requer o acesso e reconhecimento das línguas de sinais, incluindo a aceitação e respeito pela identidade de pessoas surdas, a educação bilíngue, a presença de intérpretes de línguas de sinais e recursos de acessibilidade. Por essas e por muitas outras razões, a língua de sinais é considerada a língua primeira dos surdos e deve ser adquirida o mais cedo possível. Garantir a língua de sinais na infância, ainda bebê, é garantir um

direito linguístico<sup>1</sup> de possibilidade de vida e de acesso à linguagem de modo pleno.

E a linguagem é o acesso a um universo que nos conecta a pessoas e comunidades. Peluso e Lodi (2015) discutem a experiência visual dos surdos a partir de considerações políticas, linguísticas e epistemológicas. No referido trabalho, os autores pretendem desconstruir a perspectiva compensatória da surdez, ou seja, pelo fato de não ouvirem teriam desenvolvido a visão. No caso da educação, essa banalização leva à ideia de que o caráter visual dos surdos pode ser construído pedagogicamente. Os autores mostram, e com eles concordamos, que a relação dos surdos com a visualidade tem um sentido particular quando pensamos que a língua dos surdos ocorre pelo canal visual e que isso confere particularidades a sua experiência linguística e discursiva. Os surdos organizam o mundo linguístico e enunciativo no plano visual e, a partir dessa perspectiva, se pode considerar que o caráter visual dos surdos não é externo, mas constitutivo de sua subjetividade e da forma como organizam a realidade.

A língua de sinais é território surdo (POKORSKI, 2020). A busca pela língua de sinais motiva diásporas e assim não são raros os relatos de surdos que atravessam fronteiras, entre cidades, estados e até mesmo países (VAZ, 2017) em busca de uma escola que lhes permita o encontro com o par surdo, com a língua e até mesmo poderíamos dizer, consigo mesmos. Na literatura sinalizada, a língua de sinais é aquela que desmancha (ou cria) conflitos, produz viradas narrativas e se apresenta como um importante marcador surdo. Em grande parte das narrativas surdas é recorrente a percepção de que é a língua de sinais que “viabiliza

---

<sup>1</sup> Na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, ao se considerar a Declaração Universal dos Direitos Coletivos dos Povos, se declara que todos os povos, e, portanto, também os surdos, têm direito de expressar e desenvolver a sua cultura e sua língua. Na Convenção dos direitos das pessoas com deficiência, no artigo 24 é destacado o direito à facilidade de aprendizagem de uma língua que promova o desenvolvimento de uma identidade linguística pela comunidade surda.

o encaixe de diferentes significados fragmentados ao longo da vida, possibilita dizer sobre o mundo, sobre os sentimentos, sobre si. Possibilita uma produção de si, uma virada na autopercepção. É potência, é ânimo, é como a oportunidade de enfim respirar de fato” (POKORSKI, 2020, p. 210).

Por meio da língua de sinais e dessa experiência visual que constitui os sujeitos surdos, narrativas são produzidas e circulam em comunidades surdas, adentrando espaços educacionais. Algumas dessas narrativas são contadas e recontadas em comunidades surdas e se tornam histórias compartilhadas em diferentes tempos e espaços. Na seção seguinte, apresentamos as possibilidades e desafios da educação escolar bilíngue e o modo como a visualidade, a língua e a literatura permeiam esse espaço.

## **Das possibilidades e desafios na educação bilíngue**

Para atender ao tema escolhido para este artigo sobre “visualidade surda e literatura em diálogo: bases fundamentais para uma educação bilíngue de surdos”, explicitamos inicialmente algumas das possibilidades e desafios da escolarização de surdos em escolas de educação bilíngue. Tais espaços potencializam a experiência visual e a literatura surda, por agruparem surdos em espaços de escolarização, onde compartilham a língua de sinais.

As pesquisas *Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue*<sup>2</sup> (GIPES/CNPq), realizada no período de 2015-2017, bem como a pesquisa atual, intitulada *Educação Escolar Bilíngue De Surdos: análise de práticas interculturais*, (em andamento)<sup>3</sup> desenvolvida por pesquisadoras do Grupo

---

<sup>2</sup> Pesquisa desenvolvida com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal 14/2014, Processo 454906/2014-5.

<sup>3</sup> Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2021, no prelo) sistematizaram seus resultados em publicação recente e organizaram Dossiê para a Revista Espaço do Instituto Nacional de Surdos.

Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos – GIPES<sup>4</sup> (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2018), apresenta(ra)m análises sobre a educação escolar bilíngue de surdos. O material produzido e as análises posteriores concentram informações importantes, no que diz respeito aos discursos sobre a educação bilíngue nos espaços escolares para surdos, os quais são brevemente referidos neste texto. A pesquisa produziu dados sobre o contexto cultural e linguístico das escolas de surdos, no que tange às questões da matrícula dos alunos surdos nas escolas específicas do Rio Grande do Sul, bem como aos resultados sobre a educação escolar bilíngue que vem sendo desenvolvido nesses espaços. Tais pesquisas consideram que, nos espaços das escolas de surdos, alunos e professores são produtores e coautores dos artefatos e práticas com os quais se relacionam, constituindo jeitos de ser surdo, professor surdo, professor de surdo, produzindo modos de ser escola bilíngue. Dessa forma, o resultado das análises dos documentos, das observações e das entrevistas realizadas nas 13 escolas investigadas, sendo 4 escolas particulares; 4 escolas públicas estaduais e 5 escolas públicas municipais, no período de 2015-2018, pode ser resumidamente apresentado como segue.<sup>5</sup>

Nas treze escolas em que a pesquisa (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2018) foi desenvolvida, ‘Ser surdo’ é o que

---

<sup>4</sup> Grupo criado no ano de 2006, reunindo pesquisadores de diferentes instituições de Ensino Superior gaúchas que mantêm em comum a Educação de Surdos como campo de investigação. Atualmente, a vasta produtividade em ações de pesquisa e de extensão pode ser acessada por meio dos currículos dos pesquisadores e estudantes cadastrados na página do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7026622368618023>). Por ser um Grupo Interinstitucional a liderança é itinerante, sendo atualmente liderado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Lodenir Becker Karnopp, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e pela professora Dr<sup>a</sup> Madalena Klein, da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>5</sup> No momento da escrita deste texto, contabilizamos 12 escolas de surdos, pois a Escola Especial Concórdia-ULBRA, em Porto Alegre, encerrou suas atividades educacionais no em dezembro de 2020. (<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/09/referencia-para-pessoas-surdas-ha-54-anos-escola-concordia-pode-fechar-em-dezembro-ckevtbq1002b01375j4qsat8.html>)

condiciona a matrícula dos estudantes nas escolas. Tais escolas, mostram-se como espaços de compartilhamento de informações e de diálogo sobre as ‘coisas do mundo’, pois grande parte dos estudantes são os únicos surdos em suas famílias. Thomas Holcomb (2011) afirma que “o compartilhamento de informações pode ser considerado como um dos valores culturais mais importantes dos surdos” (p. 139), uma vez que as camadas de informação que geralmente chegam aos ouvintes por meio de pequenas conversas cotidianas, notícias em áudio ou texto escrito, nem sempre são acessíveis aos surdos. Deste modo, a escola se apresenta não somente como um espaço potente para o compartilhamento de experiências de si e conhecimentos, como se torna um espaço que possibilita a construção de uma cidadania surda, uma vez que o compartilhamento de informações subsidia os sujeitos surdos a “navegar pelo que podem ser considerados ambientes difíceis e opressivos em casa, na escola e na sociedade como um todo” (p. 148).

As escolas de surdos estão marcadas pelo uso da visualidade, pela interação em Libras e pela vivência da cultura surda. Além disso, há poucos estudantes nas turmas, o que possibilita a comunicação em Libras e torna possível o atendimento às especificidades de cada aluno, especialmente a realização de trabalho pedagógico com ‘Surdos com alguma deficiência’, os quais compõem a trama que tece os cenários bilíngues.

Quanto ao tema do bilinguismo, as pesquisadoras (*op cit*) perceberam, no material analisado, o discurso recorrente de que a defesa do ensino bilíngue está no desejo da comunidade educativa dessas escolas, pois consideram que a educação de alunos surdos é eficaz quando parte de um ensino bilíngue, em que a Língua de Sinais é a primeira língua do surdo - e deve contemplar o ensino escolar em todas as esferas -, enquanto que a Língua Portuguesa (LP) escrita opera como segunda língua. A tarefa educativa consiste em atentar para as questões linguísticas e pedagógicas, em que se assume a Língua

Portuguesa como segunda língua (ou língua adicional) útil e necessária na sociedade, e não como uma língua estrangeira.

Ao narrarem os modos de desenvolvimento das atividades, em um espaço bilíngue, as professoras afirmam que as línguas podem ser ensinadas de modo concomitante na escola, considerando-se as condições linguísticas dos estudantes. Além disso, a partir de uma perspectiva aditiva de bilinguismo (uma língua possibilita a aprendizagem de outra), desconstrói-se um modo único de educar os surdos.

Como desafios, foram apontadas questões referentes à formação docente e a qualificação das propostas educacionais. Neste sentido, as narrativas indicaram que a construção das propostas pedagógicas bilíngues ainda necessita de uma discussão teórica/metodológica mais aprofundada. Além disso, as práticas cotidianas nesses contextos educacionais ainda não conseguem responder efetivamente a proposição do ensino bilíngue, seja pela dificuldade de construção de espaços de leitura e estudo por parte do corpo docente, seja pela falta de materiais didáticos bilíngues.

Um outro desafio indicado na pesquisa é que as propostas político-pedagógicas estão discursivamente amarradas às suas mantenedoras; também são atravessadas por outros documentos oficiais e teorizações no campo da Educação. Tais propostas e documentos precisam ser discutidos e analisados de modo recorrente nas escolas.

Ficou evidente, na análise dos materiais da pesquisa, que há necessidade de formação de professoras bilíngues para atuarem em contextos escolares de educação de surdos, ou seja, professores com formação específica em diferentes áreas (matemática, artes, português, educação física etc) e com conhecimento da Libras e da cultura surda.

Nos contextos escolares, questionadas sobre o uso das línguas na escola, poucas professoras se consideravam fluentes em Libras, o que se torna um grande desafio para a efetivação de propostas de escolarização bilíngue. Além disso, há carência de profissionais surdos (professores e funcionários) nas escolas. As pesquisadoras

observaram também que a tarefa de tradutor e intérpretes de Libras / Português (TILS) é uma função geralmente assumida por professores bilíngues, sobretudo em reuniões, palestras e conversas com os familiares, pois nenhuma escola tem contrato específico com TILS.

Estes tópicos constituem as evidências encontradas nos materiais analisados, mas também se organizam em pauta para aprofundamentos e para debates no campo das políticas educacionais. Assim, pode-se afirmar que a pesquisa sobre a educação escolar bilíngue, segundo Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2018) cumpriu com o propósito de subsidiar discussões de propostas curriculares no âmbito da educação básica para alunos surdos na perspectiva da educação bilíngue.

Os resultados indicados na referida pesquisa (*Op Cit*) indicaram possibilidades e, ao mesmo tempo, potencialidades em atividades cotidianas que acontecem nas salas de aula, nos pátios, nos corredores. Mas também, indicaram fragilidades e dúvidas que desafiam educadores e comunidade surda.

Todos esses aspectos e reflexões nos impulsionam a pensar em possibilidades para a educação de surdos e sobretudo para subsidiar que se estabeleça o diálogo entre a visualidade surda e a literatura, na qual a potência narrativa se faça presença na dinâmica escolar. Não existem fórmulas prontas para o fazer pedagógico, ou para a prática docente, mas acreditamos na potencialidade do trabalho coletivo, seja como grupo de pesquisa, seja na dinâmica escolar, ou na costura entre essas instâncias. Com isso, nas linhas que seguem discorreremos sobre alguns possíveis caminhos, evidenciando pesquisas, projetos, fazeres que estreitam laços entre escola e universidade.

### **Mãos em ação na educação bilíngue**

Nos últimos anos foram defendidas várias teses, dissertações e trabalhos de conclusão orientados por membros do GIPES e que conversam de maneira mais ou menos direta com as pesquisas que temos desenvolvido e que temos destacado nesse texto. As pesquisas

de Cristiano Vaz (2017), Marcele Cáceres (2016) e Joseane Zanini (2018) centraram-se em narrativas produzidas no contexto escolar, partindo de entrevistas feitas com discentes e/ou docentes de diferentes instituições escolares nas quais os sujeitos surdos se fazem presentes. As três pesquisas citadas possuíram objetos de estudo distintos, mas evidenciaram dentre outros achados, a escola bilíngue como um espaço em que é possível o convívio com marcadores da cultura surda (VAZ, 2017) o que possibilita o fortalecimento da comunidade surda (CÁCERES, 2016), uma vez que se constitui como um espaço da constituição de identidades surdas centradas na língua de sinais (ZANINI, 2018).

A pesquisa de Janete Müller (2016) aborda a escola bilíngue para surdos e desenvolve análises sobre o ensino de português tendo como base documentos escolares e narrativas, produzidas durante entrevistas que contemplaram um formato de rodas de conversa com grupos de professoras. Outras pesquisas como as desenvolvidas por Rubia Aires (2017), Simoni Hermes (2016), Nathielle da Silva (2017) e Mônica Morais (2015) também centraram suas discussões no contexto escolar, sobretudo a partir da análise de documentos.

Celina Xavier (2016) e Lia Gurgel (2016), a partir do conceito de representação, tiveram como objeto de análise a educação literária ou a prática da “hora do conto”. Ambas não se detiveram estritamente na temática da literatura surda, mas evidenciaram o papel da literatura de maneira mais ampla no contexto escolar. Gurgel destaca as possibilidades da literatura nas práticas pedagógicas como arte, experiência, como possibilidade de prazer, aprendizado de conteúdos e até mesmo como uma potência para o aprendizado e consolidação de uma língua. Xavier complementa a pesquisa de Gurgel e destaca a hora do conto sinalizada como um espaço/tempo de (in)formação e interdisciplinaridade, no qual os alunos têm acesso a artefatos culturais da comunidade surda, ampliam o seu léxico tanto sinalizado como em português escrito.

Destacamos ainda quatro pesquisas realizadas por pesquisadores surdos (BOSSE, 2019; ROSA, 2017; MOURÃO, 2016; SILVEIRA, 2015) que desenvolveram suas teses em Educação, tendo por base ferramentas teóricas dos Estudos Culturais em Educação, abordando, a partir de diferentes perspectivas, a Literatura Surda. Carolina Silveira (2015) escolhe como objeto de análise as piadas clássicas produzidas em língua de sinais e ao analisar 78 versões de 14 piadas destaca que as piadas surdas, além de provocarem riso, “favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo” (SILVEIRA, 2015, p. 177). Esse sentimento é construído a partir da possibilidade de enxergar a si mesmo, suas próprias experiências nas narrativas cômicas apresentadas. Cláudio Mourão (2016) complementa essa premissa ao afirmar que a Literatura Surda é significada como um patrimônio, herança para a comunidade surda. Deste modo, a literatura “é importante em vários aspectos culturais, sociais e educacionais” (p. 228). As mãos literárias - termo cunhado por Mourão - fazem circular a literatura surda, como se fossem livros que passam de geração a geração contando histórias por meio da sinalidade. A partir do termo visualidade, Mourão (2016, p.19), em sua tese “Literatura Surda: experiência das mãos literárias”, propõe o conceito de “Visualiterária” para se referir aos textos literários em línguas de sinais, na modalidade do povo surdo, em que se produz significados em sinais.

Cláudio Mourão (2016) e Fabiano Rosa (2017) destacam a ampliação de pesquisas sobre a Literatura Surda nos últimos anos e a expansão da produção literária na comunidade surda. Ambos reforçam a necessidade de que a Literatura Surda esteja presente nas escolas e universidades. Neste sentido, cabe destacar que tanto Renata Bosse (2019), quanto Fabiano Rosa (2017) analisam a presença da literatura surda em currículos - a primeira em escolas de surdos, e o segundo no curso de graduação em Letras-Libras. Rosa (2017) destaca que, embora a literatura existisse e circulasse em comunidades surdas, muitas produções não recebiam a devida importância e nem sempre eram registradas, em função do

desconhecimento do valor daquilo que circulava na sinalidade. Bosse (2019) registra que, embora a Literatura Surda esteja presente nas escolas, ela raramente ocupa um espaço formal que a nomeie/identifique e assegure a sua presença no currículo.

Interessante registrar que todos os quatro pesquisadores surdos percebem uma carência de materiais em vídeo para uso nas escolas, o que acarreta uma frágil educação literária por meio de contação de histórias em Libras e ainda uma circulação escassa da Literatura Surda no contexto da educação bilíngue. As potencialidades no uso da visualidade e da literatura são destacadas em diversas pesquisas; no entanto, os usos ou a presença da visualidade com intenção didática é pouco explorada na sala de aula. Desse modo, os autores concluem que a Literatura Surda se apresenta de modo descontínuo e a contação de histórias em línguas de sinais é ainda pouco utilizada nas escolas.

Bosse (2019) indica ainda que é recorrente a afirmação de que a literatura só é possível mediante a presença de profissionais fluentes em língua de sinais. Entretanto, a responsabilidade pela presença da literatura sinalizada nas escolas é frequentemente atribuída apenas aos docentes surdos, o que é um equívoco. Para uma educação literária é necessário que a literatura seja utilizada na escola de modo frequente e contínuo, por todos os professores que atuam na educação de surdos. Sobre essa temática, Morgado (2013, p. 329) enfatiza a necessidade de se atentar para qualidade literária “no que concerne à forma como é contada, como é transmitida, a forma como está estruturada, a estética expressa numa história, conto, poema ou relato. Sem a arte da língua, a literatura fica empobrecida e o desenvolvimento da criança pode sair prejudicado.”

Materiais didáticos e de vídeos bilíngues são necessários no contexto educacional. Uma estratégia possível, que surge em resposta às demandas evidenciadas nas pesquisas, são os projetos de extensão que têm se dedicado a registrar e tornar acessível a

literatura através de meios digitais, muitos deles coordenados por alguns dos pesquisadores aqui apresentados.

Um primeiro projeto que apresentamos aqui é o “Mãos Aventureiras - Literatura Infantil em Libras”<sup>6</sup> elaborado por Carolina Hessel Silveira, docente do Instituto de Letras da UFRGS. Durante o projeto foram traduzidos vinte e dois livros infantis para Libras, sem voz e legenda, que possibilitam subsidiar a construção de um espaço linguístico de conforto para crianças surdas para aquisição da língua de sinais e alfabetização, principalmente nas escolas bilíngues para surdos, uma vez que todos os vídeos se encontram disponíveis para uso público. Segundo Silveira e Lopes (2018), o referido projeto surge da necessidade de contar histórias em língua de sinais, proporcionando o encontro de leitores com obras literárias em Libras.

Com foco sobretudo no público surdo jovem e adulto foi engendrado o projeto Arte de Sinalizar<sup>7</sup>, coordenado pelo também professor do Instituto de Letras da UFRGS, Cláudio Mourão. O projeto se organiza em duas frentes: um sarau itinerante no qual diversos artistas sinalizantes se apresentam e um site no qual são registradas as produções sinalizadas durante o evento. Segundo Mourão e Branco (2018, p. 105) “a ideia de promover esse encontro, ocorrido na forma de sarau, surgiu das demandas e expectativas da própria comunidade surda, que tinha por objetivo compartilhar e registrar diferentes maneiras culturais da arte de sinalizar.”

Outros projetos foram desenvolvidos durante o período da pandemia do Covid 19, iniciada em 2020, que embora esteja sendo um momento complexo e difícil, como destacamos nas primeiras linhas desse texto, também se constituiu em um período no qual se engendraram estratégias de enfrentamento às dificuldades impostas

---

<sup>6</sup> O vídeo referência Mãos Aventureiras - literatura infantil em Libras, pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: [www.ufrgs.br/maosaventureiras](http://www.ufrgs.br/maosaventureiras)

<sup>7</sup> O vídeo referência repositório artístico Arte de Sinalizar pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: [www.ufrgs.br/artedesinalizar](http://www.ufrgs.br/artedesinalizar)

pelo formato remoto de educação e distanciamento social. A partir disso, alguns projetos passaram a explorar as potencialidades visuais de redes e mídias na produção da literatura surda.

Professores e alunos do Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) produziram materiais didáticos em uma atividade de extensão “Literatura Didática em Libras”<sup>8</sup> para professores utilizarem em escolas. Encontramos de modo online narrativas curtas em Libras, com ilustrações e direcionadas a alunos surdos iniciantes em Libras. O foco deste material é explorar o humor surdo, produzido em Libras. O projeto faz parte da Antologia de Literatura em Libras, o qual está vinculado ao projeto de Documentação da Libras.

O projeto de extensão Atenção Bilíngue Virtual para crianças surdas em meio a pandemia do "coronavírus" - covid-19 [#CasaLibras]<sup>9</sup> desenvolve uma proposta de trabalho em duas frentes: tradução de mídias digitais e criação de materiais didáticos em Libras; e produção de vídeos com contação de histórias sinalizadas. Desse modo, objetiva potencializar a presença da Libras na casa das crianças surdas em tempo de pandemia, segundo Vanessa Martins - professora do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos, coordenadora do projeto.

Certamente muitos outros projetos poderiam ser citados, bem como diversas outras pesquisas. No entanto, não foi de nosso objetivo esgotar a temática nesse artigo, apenas apontar alguns caminhos para pensar a possibilidade de construir uma educação bilíngue na qual a visualidade e a literatura surda se façam presentes.

---

<sup>8</sup> O vídeo referência Literatura Didática em Libras no Vimeo pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: <https://vimeo.com/showcase/6241328>

<sup>9</sup> O vídeo referência #CasaLibras - Projeto de extensão na UFScar, pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=qu5VXX8LFI>

## Considerações finais

Nesta escrita apresentamos pesquisas sobre a educação bilíngue, a partir da forma como professores e alunos têm construído cotidianamente as propostas pedagógicas e linguísticas, em contextos de escolas de surdos. Desse modo, a língua de sinais e a Língua Portuguesa fazem parte do cotidiano das escolas de surdos, com desafios e potencialidades indicadas em pesquisa desenvolvida pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Educação de Surdos (GIPES) junto às escolas do Rio Grande do Sul. A partir disso, alguns projetos de extensão têm sido criados, com o objetivo de explorar a literatura surda, bem como construir e disponibilizar materiais bilíngues online. A educação bilíngue nas escolas, assume uma centralidade no desenvolvimento de atividades de ensino. As escolas de surdos proporcionam o uso da língua de sinais como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda língua. As escolas de surdos têm proporcionado o encontro entre pares e potencializado o compartilhamento de informações, garantindo assim a manutenção de comunidades surdas com base na diferença linguística e cultural.

A literatura surge como uma potência para o encontro com personagens surdos, com a língua de sinais e com temáticas que possibilitam o registro do cotidiano, suas experiências e desafios. A presença da literatura na escola e da visualidade como base para os modos de conduzir a dinâmica de ensino e aprendizagem escolar, subsidia a construção de uma educação bilíngue não somente centrada na língua, mas na experiência surda.

Enquanto grupo de pesquisa<sup>10</sup> consideramos que temos um compromisso político de estar constantemente em contato com as escolas e fazer com que nossas pesquisas reverberem nas dinâmicas escolares, a partir de reflexões e projetos de extensão, como os

---

<sup>10</sup> Mais informações sobre o Grupo Interinstitucional de Pesquisas em Educação de Surdos (GIPES) podem ser encontradas em <https://www.ufrgs.br/gipes/>

indicados ao longo deste texto. Acreditamos, no entanto, que em todas as pesquisas apresentadas ainda há um potencial muito grande a ser aproveitado, o que nos convoca a continuar aprofundando as análises até aqui realizadas. É necessário seguir pensando em rede, estabelecendo parcerias entre escola, universidade e comunidade surda mais ampla, entre pesquisa, ensino e extensão.

## Referências

AIRES, R. D. I. **A constituição da educação bilíngue em uma prática na bidocência e o desenvolvimento profissional docente.** UFPel, 2017. 288 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

BOSSE, R. O. H. **Literatura Surda no currículo das escolas de surdos.** UFRGS, 2019. 140 f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CACERES, M. M. **Possíveis negociações dos discursos curriculares no contexto da educação bilíngue de uma escola de surdos do Rio Grande do Sul.** UFSM, 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

GURGEL, L. **“Um leque de possibilidade”:** Representações docentes sobre as práticas pedagógicas de educação literária na educação de surdos. UFRGS, 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

HERMES, S. T. **Possíveis negociações dos discursos curriculares no contexto da educação bilíngue de uma escola de surdos do Rio Grande do Sul.** UFSM, 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

HOLCOMB, T. K. Compartilhamento de informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Eds.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. 1. ed. Canoas: Editora da Ulbra, 2011. p. 139–149.

KARNOPP, L. B. Língua de Sinais na Educação dos Surdos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (orgs.). **A Invenção da Surdez: cultura, identidade, diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 103-113.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M.L. **Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue. Relatório de Pesquisa: Edital Universal 2014, CNPq**. Porto Alegre, 2018.

LADD, Paddy. **Em busca da Surdidade: colonização dos surdos**. Tradução Sintagma; Mariana MARTINI. 1. ed. [s.l.]: Surd'Universo, 2013. v. 1.

MORAIS, M. Z. **A emergência das políticas de educação bilíngue para surdos no Brasil na racionalidade inclusiva**. UFSM, 2015. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

MORGADO, M. Literatura em Língua Gestual. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p.151 - 172.

MORGADO, M. Literatura Surda Infantil. In: COELHO, O.; KLEIN, M. (Org.). **Cartografias da Surdez: comunidades, línguas práticas e pedagogia**. Portugal: Porto, 2013, p. 327-338.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MOURÃO, C. H. N.; BRANCO, B. S. Sarau Arte de Sinalizar: Narrativa, Humor e Poesia. In. **Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas**. SILVA, A. R. da; KARIM, T. M. (Orgs.) / Cáceres: Unemat Editora, 2018. Semestral (Ref.: jan. 2018-jul. 2018) V. 24, Ano 15, n. 1 (2018). Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3041>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MULLER, J. I. **Língua portuguesa na educação escolar bilíngue de surdos**. UFRGS, 2016. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PELUSO, L; LODI, A. C. B. **La experiencia visual de los sordos**. Consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. Dossiê “Educação de surdos das conquistas aos novos desafios. Pro-Posições, V.26, nº 3 (78), p. 59-81, Set/Dez, 2015.

POKORSKI, J.de O. **Narrativas surdas de percursos acadêmicos**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2020.

ROSA, F. S. **O que o currículo de Letras Libras ensina sobre literatura surda**. UFPel, 2017. 302 f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SILVA, N. F. **Práticas de disciplinamento e escolarização: registros fotográficos no contexto surdo**. UFPel, 2017. 98 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

SILVEIRA, C. H. **Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais**. UFRGS, 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVEIRA, C. H.; LOPES, L. B. **Mãos aventureiras: Literatura em Língua de Sinais**. Revista Ecos, v. 24, p. 41-62, 2018.

VAZ, C. P. **Educação de surdos na fronteira de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2017.

XAVIER NETA, C. N. **“Senta, que lá vem história!” Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.

ZANINI, J. **“Me ensinou diversas coisas sobre ser surdo”**: narrativas sobre o fazer docente na educação de surdos. UFRGS, 2018. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.